

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC)

**Mario Benedetti, o escritor do compromisso:
o cronista sob o conceito de intelectual orgânico**

Ana Luísa D'Maschio Vieira

São Paulo
Novembro de 2015

Ana Luísa D’Maschio Vieira

**Mario Benedetti, o escritor do compromisso:
o cronista sob o conceito de intelectual orgânico**

Trabalho de conclusão do curso “Mídia e Cultura na América Latina”, do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC), núcleo de apoio à pesquisa da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Dr. Silas Nogueira.

São Paulo

Novembro de 2015

Resumo

Autor de mais de 80 livros, o uruguaio Mario Benedetti (1920-2009) é um dos principais nomes da literatura latino-americana. Durante o exílio, iniciado em 1973, com duração de 12 anos, nunca abandonou sua militância política, tampouco desviou o olhar de seu país. Os princípios sólidos lhe deram o apelido de “poeta do compromisso”. Sob o conceito gramsciano de “intelectual orgânico”, no sentido do pensador que permanece vinculado à sua origem e atua como porta-voz de seu povo, o presente artigo mostra como Benedetti, em sua produção para o jornal espanhol *El País* durante 1982 e 1984, manteve-se envolvido com a cultura e as causas uruguaias.

Palavras-chave: Mario Benedetti, *El País*, Antonio Gramsci, intelectual orgânico, literatura e jornalismo latino-americanos.

Abstract

Author of over 80 books, Uruguayan Mario Benedetti (1920-2009) is one of the most important names in Latin American literature. During this exile, which began in 1973, lasting 12 years, he never abandoned his political activism, nor looked away from his country. Because of his sound principles, he was nicknamed the “poet of commitment”. Under the Gramscian concept of “organic intellectual” in the sense of the thinker who remains tied to its origin and acts as spokesperson, this article shows how Benedetti, in his production for the Spanish newspaper *El País* during 1982 and 1984, remained engaged with the culture and the Uruguayan causes.

Keywords: Mario Benedetti, *El País*, Antonio Gramsci, organic intellectual, literature and journalism Latin American.

Resumen

Autor de más de 80 libros, el uruguayo Mario Benedetti (1920-2009) es uno de los nombres más importantes en la literatura latinoamericana. Durante el exilio, que comenzó el 1973, con duración de 12 años, nunca abandonó su activismo político, ni tampoco apartó la mirada de su país. Los sólidos principios le dieron el apodo de “poeta del compromiso”. Bajo al concepto gramsciano de “intelectual orgânico” en el sentido del pensador que permanece ligado a su origen y actúa como portavoz, el presente artículo tiene por objetivo mostrar como Benedetti, en su producción para el diario español *El País*, durante 1982 y 1984, seguía comprometido con la cultura y las causas uruguayas.

Palabras-llave: Mario Benedetti, *El País*, Antonio Gramsci, intelectual orgânico, literatura y periodismo latinoamericanos.

Agradecimentos

Faltam palavras para:

Fernão Ketelhuth, “*mi amor mi cómplice y todo*”¹;

Luiza e Dó, meus pais, minha fonte permanente de amor e perseverança;

Famílias D’Maschio e Ketelhuth, pela torcida e incentivo de sempre;

Rosane Pavam, por me ensinar a voar;

Ariel Silva, Inés e Florencia, da Fundación Mario Benedetti, pela acolhida tão generosa;

Constanza Trías, pelo carinho e pelo presente: o basilar *El exilio y otras conjeturas*;

Os amigos envolvidos neste artigo, por manterem o Sol perto;

Agnaldo Alves, parceiro freiriano;

Dennis de Oliveira, pelas indicações gramscianas;

Silas Nogueira, por acreditar na minha pesquisa e me orientar;

Mario Benedetti, motivo maior para jamais abandonar a poesia.

¹Trecho do poema “Te Quiero”. In: BENEDETTI, Mario. *Antologia poética* – Selección del autor. Madrid: Alianza Editorial, 2009, p. 216.

Sumário

Introdução.....	7
Encontro com Gramsci.....	9
Conjecturas do exílio.....	13
A chegada ao <i>El País</i>	17
O escritor do compromisso.....	20
O <i>desexilio</i>	25
Farpas com Vargas Llosa.....	29
Nostalgia e idealismo.....	32
Considerações finais	34
Referências.....	38

Mis calles

Mario Benedetti

*Si voy por avenidas de Madrid
por glorietas de Roma o de Ginebra
por las vías higiénicas de Helsinki
solo o acompañado
por cúmulos de gente
pienso en las calles mías
océano por medio
con árboles estáticos
o tan sobresaltados
que si miran al cielo
les llueven como lágrimas*

*mi ciudad me hace sitio
me acoge en los zaguanes
y nos reconocemos
este aroma proviene
de las moradas quietas
de las veredas lisas
y de los adoquines*

*yo transito mi calles
con el pulso jocundo
y el fiel de la memoria
que es todo remembranza*

*por fin después de tanto
desfilar por el mundo
mis pies se reconcilian
com su Montevideo.²*

²BENEDETTI, Mario. *Biografía para encontrarme*. Buenos Aires: Seix Barral, 2010, p. 24-25.

Introdução

“Me parezco al que llevaba el ladrillo consigo para mostrar al mundo cómo era su casa.”¹ A frase de Bertolt Brecht, escolhida por Mario Benedetti para o prefácio do livro de poemas *La casa y el ladrillo* (1973, p. 11), é uma espécie de autodefinição.

Exilado do Uruguai durante o regime militar no país (1973-1984), o escritor levou para todos os seus novos destinos – de Buenos Aires a Lima; de Havana a Madri – o cidadão montevidiano. Os laços com o Uruguai e as lutas do povo latino-americano mantiveram-se intensos em seus escritos durante as passagens pelas pátrias interinas.

O foco de atuação do cronista, conhecido como o “poeta do compromisso”, não foge destes princípios. O objetivo do presente estudo é avaliar a produção jornalística de Mario Benedetti, por meio de colunas produzidas para o jornal espanhol *El País*, durante seu exílio em Madri, entre 1982 e 1984. Partindo do conceito de “intelectual orgânico”, formulado por Antonio Gramsci (1891-1937), procurou-se mostrar como a situação uruguaia esteve sempre em primeiro plano nos seus escritos.

Faz-se necessário ressaltar que Mario Benedetti nunca deixou de ser um intelectual no sentido tradicional. Contudo, sua explícita “organicidade” nasce do compromisso com as classes e os grupos subalternizados. Nesse aspecto, vale lembrar o que escreveu Paulo Freire (1921-1997): comprometer-se, afinal, significa ter consciência história. Esta é a marca do escritor uruguaio.

Apoiada pela leitura de *Geografias de exílio*, de Miriam L. Volpe – estudiosa da obra benedettiana pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) –, a pesquisa bibliográfica sobre as teorias gramscianas partiu da apreciação dos especialistas brasileiros Carlos Nelson Coutinho e Giovanni Semeraro. Basilar para a contextualização, da obra *O conceito de hegemonia em Gramsci*, livro do italiano Luciano Gruppi, foram extraídos os elementos necessários para o aprofundamento do novo intelectual, ou seja, aquele que se apoia na vida prática como persuasor permanente.

¹ “Eu me pareço com aquele que levava consigo o tijolo para mostrar ao mundo como era sua casa.” (Tradução minha).

Acerca da atuação de Benedetti como jornalista, partiu-se, para a elaboração deste artigo, da leitura crítica das colunas redigidas para o periódico – textos disponíveis na hemeroteca online² e no esgotado *El desexilio y otras conjeturas*, de 1986. Durante os estudos teóricos, recorreu-se também à pesquisa empírica, por meio de entrevistas e uma viagem ao Uruguai, a fim de compreender o que Benedetti representava para o seu povo. Destacam-se as entrevistas com Ariel Silva, escritor, secretário pessoal de Benedetti e atual gerente da Fundación Mario Benedetti (prestes a ser inaugurada em Montevideu) e Eric Nepomuceno, amigo e tradutor de importantes obras latino-americanas – inclusive as de Benedetti.

No prólogo de *El desexilio y otras conjeturas*, Benedetti evidencia o motivo de grande parte de suas colunas publicadas trazerem, de alguma maneira, as cores de um período muito particular: aquele em que os exilados começavam a vislumbrar a possibilidade do regresso a seus países de origem.

Segundo Benedetti, escrever para o jornal espanhol foi um estímulo a enfrentar o exílio. A despeito dos ataques dos detratores, que o levaram a encerrar a colaboração fixa para o periódico em dezembro de 1984 – escreveu esporadicamente até 2003 –, o contato semanal com os leitores espanhóis e os exilados latino-americanos esparramados pela Europa lhe serviram de claro encorajamento. “Y me ayudó a sobrellevar los desajustes de todo involuntario destierro”³ (BENEDETTI, 1986, p. 10).

A aventura da pesquisa realizada aqui não desvenda a América Latina e toda sua história marcada por levantes, massacres, revoltas e muitos sonhos criados e também massacrados. Também não navega por todas as “suas veias abertas”, como fez Eduardo Galeano (1940-2015), compatriota e amigo de Benedetti. Dentro do possível, porém, permite que se conheça um dos seus rios, aquele que, de tão humano, flertava com pássaros e sonhos na história e, por isso, derramava poesia no presente.

² Disponível em: <http://elpais.com/autor/mario_benedetti/a/>. Acesso em: 1º abr de 2014.

³ “E me ajudou a suportar os desajustes da deportação involuntária.” (Tradução minha).

Encontro com Gramsci

A atuação de Benedetti encontra-se com Gramsci em diversos aspectos, como esmiuçado nas colunas selecionadas. Em *O conceito de hegemonia em Gramsci*, o italiano Luciano Gruppi, pesquisador do marxismo, mostra como o pensador se situa “em uma posição de classe na cultura que, à medida que se torna hegemônica, converte-se em algo de todo o povo, por isso em algo verdadeiramente nacional” (1978, p. 88). “Os intelectuais orgânicos (da burguesia ou do proletariado) expressam, organizam, defendem os objetivos e interesses do grupo social ao qual estão vinculados” (SCHLESENER, 2007, p. 38). Era o que Benedetti fazia.

A posição de classe na cultura se afirma na medida em que uma orientação consegue envolver, ou seja, conquistar para a própria hegemonia, para a hegemonia da classe economicamente dominante, toda a vida nacional e toda a vida popular; na medida em que submete à crítica a cultura que se formou anteriormente, em que elabora uma nova concepção, criando os seus intelectuais e colocando-os numa relação orgânica com as massas (GRUPPI, 1978, p. 87).

Miriam L. Volpe (2005, p. 71) igualmente aponta Benedetti como o intelectual latino-americano que, “mesmo fora de seu lugar de origem, permanece imerso na problemática das nações do continente e, ao escutar seus clamores, não se pode negar ao engajamento”.

Na mesma linha de raciocínio, o filósofo brasileiro Giovanni Semeraro (2006a, p. 377) sustenta: orgânicos são os intelectuais partícipes de um organismo vivo e em expansão e, “por isso, estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho, às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade”. Destaca Semeraro (2006a, p. 378):

(...) A função do novo intelectual, orgânico à dinâmica da sociedade e à conquista da hegemonia da sua classe, não pode mais consistir “na eloquência” e nos ímpetos da “emoção”, mas na interpenetração entre conhecimento científico, filosofia e ação política. Tal intelectual deve ser um “construtor, organizador, educador permanente”.

Nesse contexto, Escosteguy (1998, p. 89) classifica a obra de Raymond Williams, *Culture and society* (1958), como basilar dos estudos culturais, por mostrar que “cultura é uma categoria-chave que conecta tanto a análise literária quanto a

investigação social”. Nesse nó se dá a relação entre as várias faces do trabalho de Mario Benedetti. Para Gramsci (apud COUTINHO, 2011, p. 346),

[...] que um político faça uma pressão para que a arte de seu tempo expresse um determinado mundo cultural é uma atividade política, não de crítica artística: se o mundo cultural pelo qual se luta é um fato vivo e necessário, sua expansividade será irresistível, ele encontrará seus artistas. Mas se, apesar da pressão, essa irresistibilidade não se vê e não se opera, isso significa que se tratava de um mundo fictício e postiço, elucubração retórica de medíocres que se lamentam de que os homens de maior envergadura não estejam de acordo com eles.

O escritor uruguaio rompe justamente com a “elucubração retórica de medíocres” neste trecho da primeira coluna do *El País*, publicada em 1982, em que defende a liberdade de expressão, em detrimento da pressão política:

Si aun en el exilio, y aquí quiero referirme concretamente al exilio uruguayo, el escritor logra seguir escribiendo; el pintor, pintando; el músico, componiendo; la cultura se desarrollará y más tarde se insertará en lo que hayan estado haciendo (a menudo en un insólito y elocuente arte de la entrelínea) los escritores y artistas que lograron permanecer en el país, la cultura uruguaya del futuro no será así una suma mecánica, sino una vital convergencia de esas dos fuentes. Estoy seguro de que en un futuro no demasiado lejano, cuando podamos cotejar lo escrito y creado dentro del país con lo escrito y creado en el exilio, llegaremos a expresiones complementarias que darán la dramática pero verídica imagen de un pequeño pueblo que, al salir por fin de este pozo de angustias, habrá conseguido mantener su dignidad, su entereza y su culto de siempre por la libertad (BENEDETTI, 1982).⁴

De acordo com Nogueira (2008, p. 42), diferentemente do intelectual tradicional, a questão do intelectual orgânico se dá pela atuação, pelas relações e pela função do indivíduo na sociedade. O conceito cruzou o Atlântico durante os anos 1970, à época

⁴ Se mesmo no exílio, e aqui quero me referir concretamente ao exílio uruguaio, o escritor consegue seguir escrevendo; o pintor, pintando; o músico, compondo; a cultura se desenvolverá e mais tarde vai se inserir naquilo que estavam fazendo (muitas vezes em uma incomum e eloquente arte da entrelinha) os escritores e artistas que puderam permanecer no país. A cultura uruguaia do futuro não será assim uma soma mecânica, mas, sim, uma vital convergência dessas duas fontes. Estou seguro de que em um futuro não demasiado distante, quando pudermos confrontar aquilo escrito e criado dentro do país com aquilo escrito e criado no exílio, chegaremos a expressões complementares que formarão a dramática, mas verídica, imagem de um pequeno povo que, ao sair por fim deste poço de angústias, terá conseguido manter sua dignidade, sua plenitude e seu culto de sempre à liberdade. (Tradução minha).

das ditaduras latino-americanas, e, em meio à crise democrática, encontrou um ambiente favorável para os estudos do continente, conforme afirma Bianchi (2008, p. 45):

Não era apenas um modismo. Sua obra mostrou perenidade surpreendente abaixo do Rio Bravo e os tais conceitos, de fato, tiveram uma resistência superior à que se poderia imaginar. A recente conclusão de novas edições cuidadosamente preparadas das obras de Gramsci no México e no Brasil ilustra o vigor desse pensamento. O absolutamente surpreendente dessa difusão é que ela se desenvolveu em claro descompasso com o caminho que a obra de Gramsci percorreu em sua Itália: uma retração dos estudos gramscianos na península foi acompanhada de uma ampla difusão na América Latina.

Miriam Volpe vê o uruguaio como “crítico e testemunha de seu tempo”. No livro *Geografias de exílio*, a pesquisadora transita pela obra do escritor a fim de analisar como os textos são construídos “a partir de um âmbito determinado e local: o cotidiano e a suas relações com a vida do cidadão comum” (2005, p. 13):

Assim como Juan Carlos Onetti, Juan Rulfo e García Márquez constroem – em Santa María, Comala e Macondo – as suas geografias pessoais, como um gesto para dar uma conformação latino-americana a um local restrito, o escritor uruguaio optaria por converter sua paisagem em geografia humana, dando assim lugar à sua criação mais significativa – o cidadão de Montevideú – que transforma em protagonista de sua obra, para refletir sobre a condição do sujeito na sociedade latino-americana e, também, sobre o seu papel enquanto intelectual promotor e partícipe de transformações culturais e sociais.

O estudo contempla o contexto histórico no qual o escritor se insere, por meio da análise de três colunas emblemáticas, capazes de entrelaçar o uruguaio ao conceito gramsciano⁵. “São orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política”, esclarece o filósofo Semeraro (2006b, p. 135).

Benedetti era leitor de Gramsci. Admirava Karl Marx. Entre os tantos pontos que se cruzam, está o trabalho de reivindicar os direitos de seus próximos, de maneira

⁵ De acordo com o pesquisador Cássio Augusto Guilherme, da Fundação de Apoio à Universidade Estadual do Paraná, a chegada dos ideais de Gramsci ao Brasil pode ser caracterizada em três momentos: de 1920 a 1950 (sob a figura de militante comunista), de 1950 a meados de 1970 (com o debate de suas obras no Partido Comunista Brasileiro) e, no final da década de 1970, quando começa a ser referencial teórico nas universidades. In: GUILHERME, Cássio Augusto. *Gramsci na América Latina: história de uma recepção*. *Contra a Corrente*, Brasília, ano 2, n. 4, p. 46-52, 2010.

apaixonada. Segundo Gramsci, o erro do intelectual é “acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado [...] não se faz política-história sem essa paixão, isto é, sem essa conexão sentimental entre o povo e a nação” (GRAMSCI, apud COUTINHO, 2011 p. 202).

A paixão caminha lado a lado com o compromisso de Benedetti, que nunca teve medo de compartilhar seus sentimentos, incluindo suas posições políticas. Trata-se, portanto, de uma adesão orgânica, onde se realiza “a vida de conjunto, a única que é força social” (IDEM).

Conjecturas do exílio

“No caso de Mario, eu diria que foi quase um exílio permanente”, diz Eric Nepomuceno (2015), tradutor de sua obra no Brasil, com quem o escritor cultivou sólida amizade. “O exílio influenciou seus textos porque, em primeiro lugar, influenciou sua vida.” Responsável pelas versões em português dos clássicos de Gabriel García Márquez, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges, entre tantos, Nepomuceno explica: “Benedetti fez parte de um fenômeno que, ao longo de muitas décadas, foi uma das características dos latino-americanos: o exílio”.

Filiado ao Frente Amplio e um dos fundadores do Movimiento Independiente 26 de Marzo, formado por “intelectuais independentes que entendem que deveria haver uma determinada mudança no país” (SILVA, 2015), Benedetti entrou na lista negra dos procurados pela ditadura de Juan María Bordaberry. Em 27 de junho de 1973, o discurso do então presidente, transmitido pelo rádio e pela televisão, marcou o início dos anos de chumbo no país.

As obras benedettianas foram cassadas e seus textos jornalísticos deixaram de ser publicados. Expulso do Uruguai em 1973, foi obrigado a renunciar ao convívio com a família, suas atividades rotineiras e à cadeira no Departamento de Literatura Hispanoamericana da Faculdade de Humanidades e Ciências de Montevideú, “cuando me confiscaron la palabra y me quitaron hasta el horizonte”⁶ (BENEDETTI, 1973, p. 13).

Ele saiu do Uruguai em 1973, indo para Buenos Aires. Em 1975, com a situação interna argentina cada vez mais tensa, foi para o Peru. Depois do golpe que depôs o presidente peruano Juan Velasco Alvarado, foi parar em Cuba. E depois de um longo tempo em Havana, mudou-se para Madri. Quando a democracia voltou ao Uruguai, em 1984, ele fez uma opção: passou a dividir o ano entre Montevideú e Madri. Dizia que era 'um homem sem inverno', pois vivia um verão permanente de seis meses em cada cidade. Jamais, porém, deixou de ser duas coisas, pela ordem: uruguaio e montevideano. E, acima de tudo, um cidadão da América Latina, outra característica que se tornou cada vez mais rara. Embora se sentisse absolutamente em casa tanto em Havana como em Madri, da mesma

⁶ “Quando me confiscaram a palavra e levaram até o meu horizonte.” (Tradução minha).

forma que, antes, se sentia em Buenos Aires, é claro que as raízes dele, profundas, estavam no Uruguai (NEPOMUCENO, 2015).

Antes da deportação, Benedetti recebeu Raúl Sendic, líder do Movimiento de Liberación Nacional-Tupamaros (MLN-T), em sua casa, clandestinamente. Perseguido pela polícia, Sendic ali ficou por alguns dias. Pôs-se a ler por muito tempo – à época, a biblioteca de Benedetti já era expressiva, com exemplares em cinco idiomas. “Em um momento, Raúl lhe disse: 'Mario, me vou', ao que Benedetti respondeu: 'Não, Raúl, estão à sua procura!' 'Mas eu estou me aburguesando aqui!' e se foi”, rememora Silva (2015).

A expulsão leva Benedetti à Argentina. Mas La Triple A, Aliança Argentina Anticomunista, o ameaça de morte. “Ele não queria, mas, por questões de segurança, seguiu para o Peru. Lá, começa a trabalhar na imprensa sob o compromisso de que só iria escrever sobre literatura, não sobre política”, complementa Ariel Silva. A polícia peruana recebe, porém, ordens para retirá-lo do país. Em uma noite, dizem ao escritor: “Bom, te deixamos na fronteira, como se você não tivesse vindo, e você volta clandestino para a Argentina”.

Em Buenos Aires, passa a se utilizar do “chaveiro solidário”: um molho de chaves distribuído aos exilados. Abria as portas de endereços distintos, para que pudessem dormir em casas diferentes todas as noites. Vida nômade encerrada por Benedetti em 1977, quando consegue passagem para Cuba (onde já havia vivido por opção ideológica entre 1968 e 1971). Seu exílio na ilha segue até 1980.

Mario tinha conhecimento da Revolução Cubana, mas não pensava em trasladá-la ao Uruguai porque não era possível. Ele tinha essa consciência claríssima: era necessário pensar qual era a solução para o Uruguai. Tanto é que isso permeia seus discursos – discursos anteriores à formação do Frente Amplio – de que se haveria de formar uma frente comum. O que a esquerda tinha de fazer era não se debilitar em nenhuma unidade, deixar de lado diferenças e formar uma frente comum, coisa que acontece depois (SILVA, 2015).

Em Cuba, Benedetti integrou a Casa de Las Américas, criada pouco após a Revolução Cubana de 1959. Ali, promovia-se (e ainda se oferece) o estudo da cultura latino-americana. Quando os governos latinos romperam com a Ilha, à exceção do

México, a Casa contribuiu para impedir a destruição dos laços entre Cuba e os demais países do continente, promovendo a visita de intelectuais.

He pasado en Cuba varios períodos: la primera vez como invitado y luego varias más como exiliado. Desde su estallido, la Revolución Cubana fue una gran sacudida para nuestra América. En el Río de la Plata, los sectores culturales habían atendido primordialmente a Europa, pero la Revolución nos hizo mirar a América Latina. No sólo para interiorizarnos de los problemas del subcontinente sino también para aquilatar el poder y la presión de los Estados Unidos (BENEDETTI, 2006).⁷

Em uma edição da revista *Casa de Las Américas* (número 47, março-abril de 1968), o uruguaio escreve o artigo *Sobre las relaciones entre el hombre de acción y el intelectual* – estendendo-se na linha de pensamento proposta por Gramsci.

Muchos de esos hombres de acción son los clásicos exponentes de un crapuloso conformismo frente a las más abyectas exigencias del Imperio; el intelectual, en cambio, es casi por definición un inconforme, un crítico de su medio social, un testigo de implacable memoria (...) De todos modos, cada vez va apareciendo con mayor claridad que el mero echo de adoptar una actitud militante, comprometida, em América Latina significa un riesgo. Quizá el tipo de riesgo que puede correr un intelectual en cuanto tal, no sea exactamente una acción, pero la verdad es que a veces el riesgo intelectual provoca las mismas consecuencias que un acto subversivo. A lo largo e a lo ancho del continente, es extensa la nômima de intelectuales presos o torturados, o simplemente despojados de su trabajo, por el solo delito de haber escrito un texto comprometido o de haber adoptado una actitud digna (BENEDETTI, 1968, p. 116-118).⁸

⁷ Estive em Cuba por vários períodos: a primeira vez como convidado e depois outras mais como exilado. Desde seu estopim, a Revolução Cubana foi um grande choque para a nossa América. No Rio da Prata, os setores culturais atendiam primordialmente a Europa, mas a Revolução nos fez olhar para a América Latina. Não só para conhecermos internamente os problemas do subcontinente, mas também para avaliar o poder e a pressão dos Estados Unidos. (Tradução minha). Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/spanish/specials/1659_fidel_80/page2.shtml>. Acesso em: 29 mai. 2015.

⁸ Muitos desses homens de ação são os clássicos expoentes de um libertino conformismo frente às mais abjetas exigências do Império; o intelectual, por sua vez, é quase por definição um inconformado, um crítico de seu meio social, uma testemunha de memória implacável (...) De todo modo, cada vez se torna mais claro que o simples fato de se adotar uma atitude militante, comprometida, na América Latina significa um risco. Talvez o tipo de risco que pode correr um intelectual, enquanto tal, não seja exatamente uma ação, mas a verdade é que às vezes o risco intelectual provoca as mesmas consequências de um ato subversivo. Ao largo e ao longo do continente, é extensa a lista de intelectuais presos ou

Segundo o secretário de Benedetti, o líder cubano Fidel Castro costumava ler as críticas de Benedetti publicadas pela revista da Casa de Las Américas. “Quando parte com destino a Madri, lhe falamos assim: 'Ah, Mario, como sentiremos a sua falta – e como sentiremos falta de sua crítica'. Era muito crítico e não se calava por nada”, conta Silva (2015). Fidel chegou a recomendar a Benedetti livros de autores até então desconhecidos pelo uruguaio.

En cuanto a la personalidad del propio Fidel, debo consignar que estuve varias veces con él y pude apreciar la sencillez de sus planteos, un inesperado y excelente nivel cultural, la franqueza de que hacía gala ante nuestras objeciones y su infranqueable voluntad de defender y mejorar el nivel de su pueblo. Los datos, fácilmente comprobables, de que en la isla virtualmente no existen analfabetos (pude ver a octogenarios que asistían a clases de enseñanza primaria), que la atención a la salud es gratuita y del mejor nivel (de mi propio país viajan constantemente enfermos de cataratas y hasta de ceguera, que son atendidos gratuitamente y regresan totalmente recuperados), no deben olvidarse a la hora de juzgar su trayectoria. (BENEDETTI, 2006).⁹

O exílio em Cuba o separa da família, da mulher e da mãe. As chamadas telefônicas eram caras e os aparelhos podiam estar grampeados. Quando ligava, ele tinha uma senha com o irmão oito anos mais novo, Raúl. “El traje está en la tintorería”¹⁰ era a frase dita a qualquer sinal de perigo.

torturados, ou simplesmente aliados de seu trabalho, só pelo crime de terem escrito um texto comprometido ou de terem adotado uma atitude digna. (Tradução minha).

⁹ Quanto à personalidade do próprio Fidel, devo registrar que estive várias vezes com ele e pude apreciar a sensibilidade de suas explicações, um inesperado e excelente nível cultural, a franqueza com que se portava ante nossas objeções e sua inquebrantável vontade de defender e melhorar o nível de seu povo. Os dados, facilmente comprováveis, de que na ilha, virtualmente, não existem analfabetos (pude ver octogenários que assistiam a aulas de ensino primário), de que o atendimento médico é gratuito e de melhor nível (do meu próprio país viajam constantemente doentes de catarata e até de cegueira, que são atendidos gratuitamente e voltam totalmente recuperados) não devem ser esquecidos na hora de se julgar sua trajetória. (Tradução minha). Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/spanish/specials/1659_fidel_80/page2.shtml>. Acesso em: 29 mai. 2015.

¹⁰ “A roupa está na lavanderia.” (Tradução minha).

A chegada ao *El País*

*El exilado
se fue adaptando al tedio
de la nostalgia*¹¹

Durante o exílio em Buenos Aires, Lima e Havana, Benedetti não conseguia sobreviver do jornalismo. A oportunidade surgiu em Madri, com o convite do *El País* para que escrevesse textos opinativos – o trabalho durou de 1º de outubro de 1982 a 30 de outubro de 1984, com 50 colunas publicadas. Trata-se de uma etapa fundamental de sua vida, como explica no prólogo do livro *El desexilio y otras conjeturas*:

Ya que mi mirada siempre, o casi siempre, estuvo pendiente de cuanto acontecía al otro lado del Atlántico, pero también estaba atenta a mi actual alrededor, el esfuerzo de pergeñar, semana a semana, estas páginas de opinión, y a veces de testimonio, me sirvieron de puente entre dos realidades. Alguna vez señalé que el mejor antídoto contra la frustración, el desánimo, el resentimiento y otras plagas del exilio, era sentirse útil a la sociedad anfitriona que nos tocara em suerte. Estos artículos constituyen, después de todo, mi personal intento de sentirme útil (BENEDETTI, 1986, p.10).¹²

Comprometido e permanentemente ligado à sua origem, “o cidadão montevidiano jamais saiu da alma de Mario, que era toda uruguaia”, explica Nepomuceno (2015):

Até hoje me surpreendo como os latino-americanos que viviam fora de seus países se mantinham tão bem informados, num tempo em que não havia internet e uma ligação telefônica internacional saía mais caro do que atropelar um senador... Havia, claro, as cartas, mas também havia o risco, bastante concreto, de serem interceptadas. Muita gente que vivia em seus países – a gente dizia 'no interior' – viajava, enfim, as informações circulavam bastante. Uruguaios sabiam do Uruguai, mas sabiam também do Peru, do México, do Brasil... Além do mais, para quem, como Mario, era próximo a Cuba, havia

¹¹ BENEDETTI, Mario. *Rincón de Hakius*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000, p. 53.

¹² Já que o meu olhar sempre, ou quase sempre, esteve voltado para o que acontecia do outro lado do Atlântico, embora também atento ao que me cerca atualmente, o esforço de escrever, semana após semana, estas páginas de opinião, e às vezes de testemunho, me serviram de ponte entre duas realidades. Algumas vezes apontei que o melhor antídoto contra a frustração, o desânimo e o ressentimento e outras pragas do exílio, era se sentir útil à sociedade anfitriã que por sorte nos acolhia. Estes artigos constituem, depois de tudo, a tentativa pessoal de me sentir útil. (Tradução minha).

esse canal de informação. Os cubanos, ao contrário do que se pensa e se diz, sempre foram absolutamente bem informados sobre tudo...

Silva conta que Benedetti era bastante precavido: todas as cartas tinham uma cópia, para que o conteúdo nunca fosse deturpado. Referencial político e intelectual para seus compatriotas, os uruguaios opositores ao regime antidemocrático então vigente torciam pela chegada das colunas do *El País*. Elas eram xerocadas e distribuídas aos colegas que viviam clandestinamente durante o regime militar no Uruguai.

Uma das coisas que fazíamos clandestinamente era fotocopiar os artigos de Benedetti para o *El País* e repassar entre a gente. Quando diziam que 'chegou um artigo de Benedetti', todos ficavam curiosos. Era um *ooooohhhh* coletivo, porque de lá ele tinha a opinião de coisas que aqui nós não sabíamos. Eu lia e dizia: 'Veja só, ele tem razão'. Aqui, não se podia saber. Andávamos recolhendo os 'papelitos' das colunas e os repassávamos (SILVA, 2015).

À época, Benedetti morava em Palma de Mallorca, para onde conseguiu levar a esposa, Luz López Alegre (1921-2006), sua companheira por 60 anos. A estadia na ilha, “um dos lugares mais baratos da Espanha”, como disse em uma entrevista posterior, durou de 1980 a 1983, até ser convencido pelo médico a viver em Madri, pois o clima insular piorava sua asma – enfermidade que o acompanhou até a morte.

O texto de estreia no periódico espanhol foi publicado em uma sexta-feira. As colaborações fixas seguiram até 30 de outubro de 1984, ano em que o Uruguai voltou ao regime democrático e Benedetti passou a ser um “homem sem inverno” (NEPOMUCENO, 2015), dividindo a estadia entre Montevideu e Madri.

“A generosidade e a solidariedade eram marcantes em Mario. Era um homem preocupado com seu país. Tinha uma visão, sobretudo, latino-americana e uma grande quantidade de contatos pessoais. Era impressionante. Entre as coisas que ele mais valorizava, estava a lealdade”, complementa Ariel Silva.

Essa visão latino-americana se dá em nível histórico, quando se aproxima da luta dos povos do Terceiro Mundo, já rotulados dessa maneira. Isso, é claro, está em seus livros. Ele também teve habilidade, grande formação – lia em cinco idiomas, tinha uma biblioteca com mais de 10 mil volumes. E decidiu escrever de *sencillo*, que não quer dizer simples, mas com profundidade, e tratou de buscar aqueles temas que eram delicados em alguns momentos, e

não por uma questão de oportunismo, mas sim por uma questão de compromisso intelectual (SILVA, 2015).

Nesse período, grande parte dos 50 textos do autor retratou o custo social do exílio e da repressão no Uruguai à época. Adiante, serão analisadas três colunas: “*Dicen que la avenida está sin árboles*” (1982), “*El 'desexilio'*” (1983) e “*Ni cínicos ni oportunistas*” (1984). Os artigos atestam a preocupação social de um escritor empenhado em “traduzir os desejos de liberdade e solidariedade como conquistas para a vida coletiva”. (SCHLESENER, 2007, p. 57).

(...) de alguna manera, el color de un período muy particular: aquel em que los exilados uruguayos, y de otros países de América Latina, empezamos a vislumbrar la posibilidad (o al menos, la no prohibición) del regreso. Estoy convencido de que muchas de las cuestiones abordadas en mis artículos habrían tenido acaso otro enfoque si esa esperanza no se hubiera echo verosímil y el país no se hubiera puesto de pronto al alcance de nuestros pronósticos (BENEDETTI, 1986, p. 9-10).¹³

¹³ (...) de alguma maneira, a cor de um período muito particular: aquele em que os exilados uruguaios, e de outros países da América Latina, começamos a vislumbrar a possibilidade (ou ao menos a não proibição) do regresso. Estou convencido de que muitas das questões abordadas em meus artigos talvez tivessem outro enfoque se essa esperança não fosse verossímil e o país não se colocasse de pronto ao alcance de nossos prognósticos. (Tradução minha).

O escritor do compromisso

*Eu não posso denunciar a estrutura desumanizada
se não a penetro para conhecê-la.
Paulo Freire¹⁴*

“*Dicen que la avenida está sin árboles*” é o título da primeira coluna de Benedetti para o *El País*, publicada em 1º de outubro de 1982. Nela, encontra-se explicitamente um intelectual que compartilha os dilemas de seus “próximos”, a despeito da distância imposta pelo exílio.

Algún día los especialistas tendrán que abordar, en el marco de una sociología del exilio, el tema de la diáspora y su costo social, con los problemas que inevitablemente genera en el ámbito familiar, en la vida de pareja, en la relación de padres e hijos. Las tensiones que causa cualquier partida inopinada, cuando uno deja atrás hogar, amigos, trabajo, y tantas otras cosas que integren su ámbito afectivo y cultural; la inseguridad que trae aparejada la búsqueda de un nuevo trabajo, una nueva vivienda, así como la súbita y no prevista inserción en otras costumbres, otro alrededor, otro clima, y a veces hasta otro idioma; todos son elementos generadores de angustias, malestares, y hasta de resentimientos y rencores, que, por supuesto, distorsionan una relación afectiva que en América Latina siempre ha sido importante, definitoria. Ahora bien, el escritor que vive desgajado de su suelo y de su cielo, de sus cosas y de su gente, no es alguien que aborda el exilio como un tema más, sino un exiliado que, además, escribe. Por otra parte, creo que el deber primordial que tiene un escritor del exilio es con la literatura que integra, con la cultura de su país. Tiene que reivindicar su condición de escritor, y a pesar de todos los desalientos, las frustraciones, las adversidades, buscar el modo de seguir escribiendo (BENEDETTI, 1982).¹⁵

¹⁴ FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Centauro, 2001, p. 32.

¹⁵ Algum dia os especialistas terão de abordar, como marco de uma sociologia do exílio, o tema da diáspora e seu custo social, com os problemas que inevitavelmente provoca no âmbito familiar, na vida de casal, na relação de pais e filhos. As tensões que causa qualquer partida inesperada, quando se deixa para trás casa, amigos, trabalho, e tantas outras coisas que integram seu âmbito afetivo e cultural; a insegurança que traz consigo a busca por um novo trabalho, um novo lar, assim como a súbita e não prevista inserção em outros costumes, outro ambiente, outro clima, e às vezes até outro idioma; todos são elementos geradores de angústias, mal-estar, e até de ressentimento e rancor, que, suponho, distorcem uma relação que na América Latina sempre foi importante, definitiva. Contudo, o escritor que vive desgarrado de seu solo e de seu céu, de suas coisas e de sua gente, não é alguém que aborda o exílio como um tema a mais e sim um exilado que, além disso, escreve. Por outro lado, creio que o dever primordial que tem um escritor do exílio é com a literatura da qual faz parte, com a cultura de seu país. Ele tem de reivindicar sua condição de escritor e, apesar de todos os desencantos, as frustrações, as adversidades, seguir escrevendo. (Tradução minha).

Logo em sua estreia no jornal, Benedetti sublinha tais pontos como construtor e educador permanente, preocupado com a situação política e cultural pela qual passa seu país de origem e as demais nações latinas.

Es obvio que una cultura no es una mera suma de individualidades; es también un clima, una recíproca influencia, una polémica vitalidad, un diálogo constructivo, un pasado de discusión y análisis, y es también un paisaje compartido, un cielo familiar. El exilio, en cambio, es casi siempre una frustración, aun en los casos en que la fraterna solidaridad mitiga la nostalgia y el desarraigo. Para las dictaduras del Cono Sur, la cultura es subversión. De ahí que su proyecto siempre incluya el genocidio cultural. No creo que nada ni nadie pueda cumplir el macabro designio de exterminar una cultura. Puede sí devastarla, descalabraria, vulnerarla, dejarla malherida, pero nunca destruirla. Por eso es tan importante que, tanto desde el interior de nuestros castigados países como desde el exilio, cuidemos nuestra cultura, hagamos un esfuerzo, no sobrehumano, sino profundamente humano, por contrarrestar la devastación, por asegurar la continuidad de nuestras letras, de nuestras artes plásticas, de nuestra música. La labor con más sentido social, cultural y político, que en definitiva podemos llevar acabo los escritores y artistas del exilio, es, por tanto, crear, inventar, generar poesía, construir historias, plasmar imágenes, airear el sórdido presente con canciones, transformarnos cada uno en una activa filial de la cultura en nuestros pueblos (BENEDETTI, 1982).¹⁶

Santos (1987, p. 34-36) entende o trabalho jornalístico, no âmbito do debate cultural, como “fator de mudança social, de servir não apenas para descrever a realidade e compreendê-la, mas apontar caminhos e contribuir para sua modificação”. Definição compatível com os ideais de Benedetti:

¹⁶ É óbvio que uma cultura não é uma mera soma de individualidades; é também um clima, uma influência recíproca, uma vitalidade polêmica, um diálogo construtivo, um passado de discussão e análise, e é também uma paisagem compartilhada, um céu familiar. O exílio, por outro lado, é quase sempre uma frustração, inclusive nos casos em que a solidariedade fraterna atenua a nostalgia e a perda de raiz. Para as ditaduras do Cone Sul, a cultura é subversão. Daí que o seu projeto sempre incluía o genocídio cultural. Não creio que nada nem ninguém possa cumprir o macabro designio de exterminar uma cultura. Pode sim devastá-la, colocá-la em risco, deixá-la vulnerável, malquista, mas nunca destruí-la. Por isso é tão importante que, tanto no interior dos nossos castigados países quanto no exílio, cuidemos de nossa cultura, façamos um esforço, não sobre-humano, mas sim profundamente humano, para combater a devastação, para assegurar a continuidade de nossas letras, de nossas artes plásticas, de nossa música. O trabalho com mais sentido social, cultura e político que definitivamente podemos cumprir nós, escritores e artistas do exílio, é, portanto, criar, inventar, fazer poesia, construir histórias, traduzir imagens, arejar o sórdido presente com canções, transformarmo-nos cada um em uma ativa filial da cultura de nossos povos. (Tradução minha).

Ele tinha grande conhecimento sobre o marxismo e também era leitor de Gramsci. Também creio que há algo anterior a isso: a presença do existencialismo de Jean-Paul Sartre para a Geração de 1945, que Mario integrou. Isso também está ligado à vinculação do compromisso, aquilo que eles chamavam de La Duda Fértil [A Dúvida Fértil]: duvidar de tudo, mas sempre com uma posição crítica que lhe permitisse fazer uma proposta. A Geração de 1945 foi muito influenciada por isso (SILVA, 2015).

A Geração de 1945, também conhecida como Terceira Geração Modernista, marcou sensivelmente a literatura. Dela, fazem parte Clarice Lispector, João Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto (BOSI, 2000). No Uruguai, seus expoentes são Juan Carlos Onetti, Eduardo Galeano e Mario Benedetti.

Conta Ariel Silva, também escritor, que a geração apresentava características presentes na obra de Benedetti. Um dos exemplos é o rigor, atribuído ao seu perfil jornalístico. “Ele sempre dizia: se não se lê a obra completa de um artista, de um escritor, não se deve escrever artigos sobre ele”, conta Ariel.

Esta vertente de articulista começou a ser moldada por Benedetti durante as passagens por *El Diario* e *MARCHA*, este um semanário independente que propunha “o estudo de temas filosóficos, políticos e literários por meio de uma perspectiva nacional e latino-americana, com uma linha marcadamente anti-imperialista”¹⁷. “*Toda la semana en un día*” era o *slogan* do periódico, editado em formato tabloide e vendido em Montevideu às sextas-feiras. Circulou por 35 anos (1939-1974) com um renomado expediente de intelectuais do Uruguai, como Eduardo Galeano, Ángel Rama e Juan Carlos Onetti. O condutor da proposta foi Carlos Quijano (1900-1984), diretor de redação e fundador do *MARCHA*, tido como um dos mais importantes comunicadores da história do Uruguai, morto durante o exílio no México.

¹⁷ Trecho de resenha da revista *Humanidades*, da Universidad de Montevideo (UM) sobre o livro *Marcha de Montevideo: la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*, de Luisa Peirano, atual diretora de Relações Internacionais da UM. Disponível em: <http://www.um.edu.uy/_upload/_descarga/web_descarga_136_HUMANIDADES2_Resena1_PEIRANO.pdf>. Acesso em: 1º set. 2014.

Foi justamente neste semanário, em 1959, que o agnóstico Benedetti publicou pela primeira vez a íntegra do que viria a ser um marco da poesia latino-americana: *Un padrenuestro latinoamericano* (Figura 1, extraída do PDF do jornal original).



Figura 1: *Un padrenuestro latinoamericano*, publicado em 1959.

Fonte: *Semanário MARCHA*, 1959. Disponível no site *Publicaciones del Uruguay*.

“Padre nuestro que estás en los cielos/con las golondrinas y los misiles/quiero que vuelvas antes de que olvides/cómo se llega al sur de Río Grande”¹⁸ é o trecho inicial da “oração”¹⁹, tida como “registro épico em que se afirma em sua poesia, onde o poeta serve de porta-voz das lutas e da libertação que têm lugar na América Latina” (OGAMBIDE, In: BENEDETTI, 2009, p. 20-21). “A despeito da sua intenção manifestada, o poema faz alusão ao tom panfletário e ao humor, outra vez, o que tempera a ênfase e permite a um poeta sul-americano conversar frente a frente com Deus” (IDEM).

¹⁸ “Pai nosso que estais no céu/com as andorinhas e os mísseis/quero que voltes antes de esquecer/como se chega ao sul do Rio Grande.” (Tradução minha).

¹⁹ Em 22 de julho de 2004, o poema foi musicado e interpretado pelo ator Héctor Quintero em plena Plaza de la Revolución em Havana, na companhia de 200 músicos da Orquestra Sinfônica de Cuba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y8n5r3zdyHE>> Acesso em: 4 nov. 2015.

Nos idos de 1959, publicou os contos que compõem *Montevideanos*, livro por meio do qual ressalta a concepção de sujeito local e a relação com a cidade, temas basilares de sua obra e da teoria gramsciana.

Entre las diferentes funciones y sentidos que se le atribuyen a la ciudad (residencial, económico, político, ideológico y cultural, destaca la que admite su valorización histórica y cultural como medio de comunicación; es decir, al construir la ciudad un espacio físico contrapartido donde se realiza la vida pública cotidiana de los ciudadanos, la ciudad constituye un medio de interacción social (comunicación) de alta complejidad, donde en principio y tradicionalmente los individuos se relacionan cara a cara, reuniéndose e intercambiando formas simbólicas o participando en otras formas de acción (NUÑES, 2012, p. 145).²⁰

Aspecto do intelectual orgânico que encontra em Paulo Freire uma precisa definição: “conscientização”. Define o Patrono da Educação Brasileira:

A conscientização não consiste em *estar frente à realidade* assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da *práxis*, ou melhor, sem o ato ação-reflexão (...) Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico (FREIRE, 2001, p. 30).

No texto de abertura do livro *Perplejidades de fin de siglo*, intitulado “Vacaciones por el olvido”, Benedetti diz que nunca se chegará à vanguarda de nada, nem de nós mesmos, se irresponsavelmente dizemos que o passado não existe (2001, p. 13). Tal pensamento reflete não só a própria consciência histórica do escritor, como incentiva a difusão de que o compromisso com o passado é imprescindível para a construção do presente. Para ele, “solo el ejercicio de la justicia permite que la comunidad recupere su equilibrio”²¹ (IDEM, p. 18). “Ocurre que el pasado es siempre una morada y no hay olvido capaz de demolerla”²².

²⁰ Entre as diferentes funções e sentidos que se atribuem à cidade (residencial, econômico, político, ideológico e cultural), destaca-se a que admite sua valorização histórica e cultural como um meio de comunicação; é dizer, ao construir na cidade um espaço físico compartilhado no qual se realiza a vida pública cotidiana de seus cidadãos, que a cidade se constitui em um meio de interação social (comunicação) de alta complexidade, onde, à princípio e tradicionalmente, os indivíduos se relacionam cara a cara, reunindo-se e trocando formas simbólicas ou participando em outras formas de ação. (Tradução minha).

²¹ Somente o exercício da justiça permite que a comunidade recupere seu equilíbrio. (Tradução minha).

²² Ocorre que o passado é sempre uma morada e não há esquecimento capaz de demoli-la. (Tradução minha).

O *desexilio*

*Eu não estou indo-me embora
estou só preparando a hora
de voltar*

“*Um Dia*”, Caetano Veloso²³

No prólogo de *El desexilio y otras conjeturas* (1986), Benedetti revela um dos segredos de seus escritos: quando o dicionário nega uma palavra, é preciso inventá-la – lição aprendida com as obras do poeta peruano César Vallejo (1892-1938). “Más de una vez he practicado ese ejercicio verbal, pero ninguna de mis palabras han tenido tan buena fortuna como *desexilio*.”²⁴

Cunhado no romance *Primavera con una esquina rota* (de 1982), o *desexilio* tornou-se mais do que um novo vocábulo – tornou-se sobretudo um conceito, adotado hoje por entidades atreladas ao combate pela garantia dos direitos humanos. *El desexilio* intitidou a coluna publicada pelo *El País* em 18 de abril de 1983.

O texto vislumbra a iminente volta ao Uruguai, prestes a se ver livre da ditadura. “En consecuencia, puede desde ya asegurarse que el *desexilio* será un problema casi tan arduo como en su momento lo fue el exilio, y hasta puede que más complejo”²⁵, questiona, dividindo a aflição com seus leitores:

Cuando a mediados de los años setenta comenzó la ola de emigración política y masiva, la decisión de abandonar el país propio tenía la coherencia de ser virtualmente ajena al individuo, ya que no era éste quien resolvía espontáneamente incorporarse a la diáspora; el impulso directo o indirecto venía casi siempre de la represión. Se emigraba por varias razones, pero, sobre todo, para evitar la prisión y la tortura y, en definitiva, para salvar la vida. Hoy día es previsible que a medida que la situación se vaya normalizando en la comarca del terror, a medida

²³ Faixa 4 do raro LP *Domingo*, primeiro disco gravado por Caetano Veloso e Gal Costa, em 1967. A íntegra está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nGOy1REx9sY>>. Acesso em: 27 set. 2015.

²⁴ Mais de uma vez pratiquei esse exercício verbal, mas nenhuma de minhas palavras teve tanta sorte quanto *desexilio*. (Tradução minha).

²⁵ Consequentemente, podemos desde agora assegurar que o *desexilio* será um problema quase tão árduo como em seu momento foi o exílio, e até pode ser mais complexo. (Tradução minha).

que vayan verdaderamente desapareciendo los riesgos y las amenazas, el *desexilio* pasará a ser una decisión individual. Cada exiliado deberá resolver por sí mismo si regresa a su tierra o se queda en el país de refugio (BENEDETTI, 1983).²⁶

À época, Eduardo Galeano afirmou que a profundidade da ferida cultural dificilmente se fecharia:

Mucha ceniza ha llovido sobre la tierra purpúrea. Durante los 12 años de la dictadura militar, Libertad fue nada más que el nombre de una plaza y una cárcel. En esa cárcel, la mayor jaula para presos políticos, estaba prohibido dibujar mujeres embarazadas, parejas, pájaros, mariposas y estrellas; y los presos no podían hablar sin permiso, silbar, sonreír, cantar, caminar rápido ni saludar a otro preso. Pero estaban presos todos, salvo los carceleros y los desterrados: tres millones de presos, aunque parecieran presos unos pocos miles. A 1 de cada 80 uruguayos le ataron una capucha en la cabeza; pero capuchas invisibles cubrieron también a los demás uruguayos, condenados al aislamiento y a la incomunicación, aunque se salvaran de la tortura (GALEANO, 1987, p. 108).²⁷

Nesta mesma coluna, Benedetti escreve também sobre a possibilidade da *contranostalgia*, que vem com a esperança do regresso e a noção de pátria, “o sea, la nostalgia de lo que hoy tenemos y vamos a dejar: la curiosa nostalgia del exilio en plena patria”²⁸.

²⁶ Quando, em meados dos anos setenta, começou a onda de emigração política e em massa, a decisão de abandonar o próprio país tinha a coerência de ser virtualmente alheia ao indivíduo, pois não era ele quem resolvia espontaneamente se incorporar à diáspora; o impulso direto ou indireto vinha quase sempre da repressão. Emigrava-se por várias razões, mas, sobretudo, para evitar a prisão e a tortura e, em definitivo, para salvar a vida. Hoje em dia, é previsível que, conforme a situação vá se normalizando na comarca do terror, à medida que vão desaparecendo verdadeiramente os riscos e as ameaças, o desexílio passará a ser uma decisão individual. Cada exilado deverá resolver por si mesmo se regressa à sua terra ou se fica em seu país de refúgio. (Tradução minha).

²⁷ Muitas cinzas têm chovido sobre a terra roxa. Durante os 12 anos da ditadura militar, Liberdade nada mais foi do que o nome de uma praça e de uma prisão. Nesta prisão, na maior jaula para presos políticos, era proibido desenhar mulheres grávidas, casais, pássaros, mariposas e estrelas; e os presos não podiam falar sem permissão, assobiar, sorrir, cantar, andar rápido ou cumprimentar a outro preso. Mas estavam presos todos, salvo os carcereiros e os banidos: três milhões de presos, ainda que parecessem presos alguns milhares. Em um de cada 80 uruguaios foi colocado um saco na cabeça; mas sacos invisíveis cobriram, também, os demais uruguaios, condenados ao isolamento e ao confinamento, embora salvos da tortura. (Tradução minha).

²⁸ Ou seja, a nostalgia do que hoje temos e vamos deixar: a curiosa nostalgia do exílio em plena pátria. (Tradução minha).

Ele finaliza o artigo com uma sugestão aos compatriotas:

Quizá volvamos (los que volvamos) fatigados, más viejos; quizá también estén más viejos, aunque con otra fatiga, los que allá encontremos y reencontremos, pero estoy seguro de que la reunión nos rejuvenecerá a todos y mutuamente nos rehabilitará para el trecho que a cada uno le reste. Ese es, después de todo, el destino del hombre (y de la mujer), no sólo del exiliado o la exiliada. Es gracias a ese tira y afloja entre lo que se añora y lo que se obtiene, es gracias a esa compensación inacabable, que nuestra memoria y nuestra vida se enriquecen, y nuestra muerte (ese exilio sin retorno ni desexilio) no tiene más remedio que otorgarnos nuevas y fecundas moratorias (BENEDETTI, 1983).²⁹

Benedetti afirmava que optou pelo *semiexilio*. Em uma entrevista concedida ao jornal *El País*, em 16 de dezembro de 1984³⁰, explicou que o exílio é uma decisão tomada por outros, e, em contrapartida, o *desexilio* era uma decisão individual. Por isso, tomara a decisão do *semiexilio*, ao dividir seus verões entre Espanha e Uruguai.

Na avaliação de Eric Nepomuceno, o escritor era “a cara de Montevideu e a cidade era seu porto de chegada”.

(...) Mas, ao mesmo tempo, era um navegador. Por isso preferiu ter dois portos, Montevideu e Madri. Ele, que jamais deixou de ser montevideano, voltava nos verões, para se encontrar. E quando começava o frio na cidade dos ventos, ele retornava a Madri. Agora que penso nisso, me lembro de uma antiga canção de Caetano Veloso, que traz um verso exato: 'Eu não estou indo-me embora, estou só preparando a hora de voltar'. Acho que isso define bem as idas e vindas de Mario a Montevideu, quando acabou a ditadura que o banuiu.

Como intelectual orgânico, Benedetti não se via imune a decisões intempestivas. Ele deixou de publicar na imprensa espanhola em 30 de outubro de 1984, não apenas

²⁹ Talvez tenhamos retornado (aqueles que voltaram) fatigados, mais velhos; talvez também estejam mais velhos, ainda que com outro cansaço, os que lá encontramos e reencontramos, mas estou seguro de que a reunião rejuvenescerá a todos e, mutuamente, nos reabilitará para o trecho que resta a cada um. Esse é, depois de tudo, o destino do homem (e da mulher), não apenas do exilado ou da exilada. É graças a esse vaivém entre o que se almeja e o que se tem, é graças a essa compensação inacabável, que nossa memória e nossa vida se enriquecem, e nossa morte (esse exílio sem retorno nem desexilio) não tem mais remédio do que nos oferecer novas e fecundas moratórias. (Tradução minha).

³⁰ Disponível em <http://elpais.com/diario/1984/12/16/cultura/471999607_850215.html>. Acesso em: 1º jun. 2015.

pela desinformação predominante na Espanha sobre a América Latina, mas, principalmente, pelo tom de seus contraditores, que recorriam a dados errôneos para atacá-lo. “Yo no podría estar consagrando cada nuevo artículo a rectificar párrafo por párrafo lo que se decía.”³¹

Uma das polêmicas envolveu o escritor peruano Mario Vargas Llosa, como será mostrado na sequência.

³¹ Eu não poderia me dedicar em todo novo artigo a retificar, parágrafo por parágrafo, o que se dizia. (Tradução minha).

Farpas com Vargas Llosa

*Pero aquí abajo, abajo/cerca de las raíces/es donde la memoria/ningún recuerdo omite/y hay quienes se desmueren/ y hay quienes se desviven/y así entre todos logran/lo que era un imposible/que todo el mundo sepa/que el Sur, que el Sur también existe.*³²

Algumas colunas de Benedetti fomentaram intenso debate provocado pelas farpas trocadas entre ele e o também escritor Mario Vargas Llosa, a partir de uma crítica do peruano ao uruguaio pelo suposto apoio à Revolução Sandinista (1978-1990) na Nicarágua – o nome se refere a Augusto César Sandino (1895-1934), antigo líder da resistência ante a ocupação pelos Estados Unidos da Nicarágua.

Mario Vargas Llosa também alfinetou o “tocayo” (xará, em espanhol) por apoiar a Revolução Cubana. O debate se deu naquele ano (1984) e Llosa chegou a insultar Benedetti, chamando o desafeto de “robô alegre por apoiar o socialismo”. O uruguaio respondeu com uma ode à democracia:

Creo que ya somos bastante maduros como para alimentar la ilusión de que los argumentos de uno vayan a conmover las convicciones del otro, y viceversa. Simplemente, creo conveniente dejar constancia de algunas observaciones y rectificaciones en un nivel meramente informativo. Nuestra mayor e irremediable diferencia está en que Vargas Llosa entiende (y no pongo en duda su sinceridad) que cualquier escritor latinoamericano que hoy apoye revoluciones como la cubana o la nicaragüense no lo hace libremente y por convicción, sino por "un desconcertante conformismo en el dominio ideológico". Personalmente, tengo mejor opinión de mis colegas, y sin perjuicio de que pueda existir (¿por qué no?) algún sectario u obsecuente, creo (y espero que mi tocayo tampoco ponga en duda mi sinceridad) que la gran mayoría de escritores latinoamericanos que han apoyado y apoyan esas revoluciones lo hacen por propia decisión y no por corrupción, ni por cinismo, ni por oportunismo. Eso es lo que me *conforta*, y no, como dice Vargas Llosa, el que los intelectuales hayan renunciado a las ideas y a la originalidad riesgosa. Justamente porque no han renunciado a sus ideas y a sus riesgos es que frecuentemente son víctimas de formas de represión (cárcel, torturas,

³² BENEDETTI, Mario. El Sur también existe. In: _____. *Preguntas al azar*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1986, p. 153-154.

destierro, negación de visados, amenazas, etc.) que él, afortunadamente, no ha sufrido (BENEDETTI, 1984).³³

A polêmica lhe causou grande amargura. O apoio dos leitores, porém, foi um consolo: centenas de cartas chegavam à redação, além de telegramas e telefonemas de incentivo ao uruguaio. “Ha sido una respuesta muy estimulante, que me compensó de esta baja del ánimo”³⁴, ratificou Benedetti.

Ele contou a Ariel Silva que certa vez estava em um teatro e, mais adiante, Vargas Llosa. Quando acabou a apresentação, Llosa viu o desafeto e disse: “Mario! Quando reavivaremos outra polêmica? Aquela foi muito boa”. Na entrevista concedida ao *El País* em 1984, Benedetti atira uma pá de cal no assunto:

Nunca he heuido a la polémica; la prueba es que he sostenido una polémica muy dura con Mario Vargas Llosa, pero que tanto él como yo no hemos pasado al agravio, ni inventamos datos irreales com respecto al outro, ni nos salimos del tema que estábamos discutiendo. Así sí puedo polemizar sin ningún problema (BENEDETTI, 1984).³⁵

Nepomuceno relembra como os escritores de esquerda eram bombardeados de críticas e, no caso da polêmica com Vargas Llosa, as respostas do uruguaio sempre foram elegantes, embora contundentes. Eram dois extremos entre os intelectuais latino-

³³ Creio que já somos bastante maduros para alimentar a ilusão de que os argumentos de um vão comover as convicções do outro, e vice-versa. Simplesmente, creio ser conveniente ressaltar algumas observações e retificações no sentido meramente informativo. Nossa maior e irremediável diferença está no que Vargas Llosa entende (e eu não duvido de sua sinceridade) sobre qualquer escritor latino-americano que hoje apoie revoluções, como a cubana ou a nicaraguense, não o faz simplesmente por convicção, mas sim por um “desconcertante conformismo no domínio ideológico”. Pessoalmente, tenho melhor opinião de meus colegas, e, sem prejuízo de que possa existir (por que não?) algum sectário ou obediente, creio (e espero que meu homônimo tampouco coloque em dúvida a minha sinceridade) que a grande maioria dos escritores latino-americanos que apoiaram as revoluções o fazem por decisão própria e não por corrupção, nem por cinismo, nem por oportunismo. Isso é o que me conforta e, como disse Vargas Llosa, que os intelectuais tenham renunciado às suas ideias e aos seus riscos é porque, frequentemente, são vítimas de formas de repressão (cadeia, tortura, exílio, negação de vistos, ameaças, etc.) que ele, afortunadamente, não sofreu. (Tradução minha).

³⁴ Foi uma resposta muito estimulante, que me compensou do estado de espírito ruim. (Tradução minha).

³⁵ Eu nunca fugi da polêmica; prova é a minha dura controvérsia com Mario Vargas Llosa, mas tanto ele quanto eu não deixamos passar do ponto, ou inventar dados irreais com respeito ao outro, nem saímos do tema que estávamos discutindo. Assim posso polemizar sem nenhum problema. (Tradução minha).

americanos, sendo Benedetti o orgânico, comprometido com os excluídos e com o futuro, e Vargas Llosa o intelectual tradicional, que se mantém preocupado com o capital e o empresariado.

Àquela altura, não creio que houvesse relação alguma entre os dois. Entendo que os dois tinham uma posição nítida, como intelectuais. O compromisso de Mario Benedetti era com os excluídos e com o futuro. Vargas Llosa, desde seu espetacular giro ideológico, assumiu um compromisso – e devemos todos destacar que ele cumpre esse compromisso com rigor respeitável – com o contrário, com os donos do capital, com o reacionarismo mais retrógrado e falso, disfarçado de um liberalismo extremo. É fácil perceber essa virada, e suas consequências, não apenas no papel que ele assumiu e representa com convicção de aço – falando, por exemplo, como recordava Benedetti, em congressos da sinistra seita Moon –, em sua militância social em defesa intransigente do capital e dos agiotas encastelados em bancos e instituições financeiras internacionais, mas também em sua literatura. Há um Vargas Llosa, o dos primeiros livros, que é um autor admirável. E há outro, o que anda por aí (NEPOMUCENO, 2015).

Nostalgia e idealismo

Mario Benedetti tinha o hábito de acordar cedo, ouvir o rádio, ler os jornais e escrever todos os dias. Não apenas o papel e a caneta eram seus companheiros fieis: onde quer que estivesse, mantinha uma tesoura por perto, para recortar as notícias que lhe interessavam. Arquivava os papéis principalmente dentro dos livros, para que, quando fosse escrever sobre aquela obra, tivesse em mãos fontes distintas que o ajudassem a formar seus argumentos. Ariel Silva (2015) compartilha:

Saía um artigo de Octavio Paz [poeta e crítico mexicano] sobre *Cem Anos de Solidão*, por exemplo. Mario o recortava e o guardava dentro do exemplar, de maneira que, depois, se um dia tivesse de falar sobre o livro, ele o pegava e ali teria tudo o que disseram outros. Costumava analisar: 'bom, esse falou isso, o outro aquilo', e pensava em uma maneira de relacionar o material. É uma maneira bonita de pesquisa.

Nascido em 14 de setembro de 1920, em Tacuarembó, departamento de Paso de Los Toros localizado a quase 400 km de Montevideu (um dos tantos pontos que se declaram berço do cantor Carlos Gardel), Mario Orlando Hamlet Hardy Brenno Benedetti foi homenageado, neste setembro de 2015, com uma estátua em tamanho real, esculpida no banco da praça principal da cidade-natal, somada aos poemas espalhados no entorno em grandes cartazes.

Mudou-se com a família para a capital do Uruguai aos 4 anos de idade. A primeira casa, de zinco, sinaliza a infância e a adolescência de privações. Filho de pai farmacêutico, Benedetti teve de interromper seus estudos secundários em um colégio alemão para ajudar no sustento familiar. Revendedor de peças de automóveis foi seu primeiro emprego. Trabalhou como taquígrafo, operador de caixa, contabilista, funcionário público, atividades paralelas aos escritos.

Em 1945, financiou o primeiro livro de poesias, *La víspera indeleble*, que não vendeu sequer um exemplar. Tornou-se, então, jornalista, a fim de garantir algum dinheiro e lidar, de alguma maneira, com a literatura.

La Tregua, romance com 130 edições e traduzido para 23 idiomas, chegou às livrarias em 1960, mesma época em que Benedetti publicou o ensaio *El país de la cola de paja*. Em português, o termo significa “rabo preso”. Como aponta Volpe (2005, p.

72-73), “este livro contém o germe das ideias que o escritor irá desenvolver através de todos seus ensaios posteriores e em toda sua obra literária”. Escreve Benedetti (1961, p. 11), no prólogo da edição:

No importa que queden por tratar temas capitales, graves enigmas, vastas zonas del panorama nacional. Si bien conozco mis limitaciones y me sé incapaz de abarcar toda la compleja significación del problema, no quiero que esas mismas limitaciones me lleven a sentirme cómplice del gran silencio que rodea la presente crisis moral, sin duda la más grave de nuestra breve historia como nación.³⁶

O livro chamou a atenção dos uruguaios pela transparência e por trazer à tona as mazelas de uma ditadura prestes a eclodir – por causa da publicação, Benedetti ganhou a alcunha de “El Aguafiestas” (O Inconveniente, O Desmancha-Prazeres), título da biografia do uruguaio escrita pelo argentino Mario Paoletti em 1995. “La biografía de Paoletti capta lo más esencial de esse Benedetti escritor, periodista, trotamundos rebelde y comprometido con su época y país, que es en el fondo lo que define al Aguafiestas”, aponta resenha da época.³⁷:

El hecho que el Uruguay, en razón de su fortuita modestia de recursos, no tenga con respecto a los Estados Unidos las mismas quejas que otros países de America Latina, puede explicar, mas no justificar la apatia con que el uruguayo asiste, desde lejos, al planteamiento del vasto drama continental (...) Para cualquier país de latinoamerica, podríamos ser el aliado ideal; en lugar de ello, vamos em tren de convertirnos em el vecino egoísta, incapaz de comprometerse (...) (BENEDETTI, 1961, p. 112).³⁸

³⁶ Não importa que restem, ainda, temas capitais a serem tratados, graves enigmas, vastas zonas do panorama nacional. Se bem conheço minhas limitações e já sei que sou incapaz de abarcar todo o complexo significado do problema, não quero que essas mesmas limitações levem a me sentir cúmplice do grande silêncio que rodeia a presente crise moral, sem dúvida a mais grave de nossa breve história como nação. (Tradução minha).

³⁷ Disponível em: <http://www.revistadelibros.com/articulo_imprimible_pdf.php?art=4071&t=articulos>. Acesso em: 9 set. 2014.

³⁸ O fato de o Uruguai, em razão de sua fortuita escassez de recursos, não tenha a respeito dos Estados Unidos as mesmas queixas que outros países da América Latina, pode explicar, mas não justificar a apatia com que o uruguaio assiste, a distância, ao vasto drama continental (...) Para qualquer país latino-americano, poderíamos ser o aliado ideal; em vez disso, vamos no caminho de nos converter no vizinho egoísta, incapaz de se comprometer (...). (Tradução minha).

Considerações finais

O idealismo de Benedetti também se faz presente, em sua primeira coluna para o *El País*, por meio da poesia que explica o título do texto. Mesmo no exílio, o uruguaio nunca deixou de plantar a semente do compromisso com o seu povo.

En estos temas, que de algún modo comprometen los sentimientos, siempre he preferido la poesía a la prosa, de modo que les pido permiso para concluir con un breve poema: "Eso dicen: / que al cabo de nueve años / todo ha cambiado allá. / Dicen que la avenida está sin árboles, / y no soy quién para ponerlo en duda. ¿Acaso yo no estoy sin árboles y sin memoria de esos árboles /que, según dicen, ya no están?" (BENEDETTI, 1982).³⁹

Observa-se, entretanto, a autocrítica de Benedetti quando lhe perguntam o motivo de trazer o cidadão montevidense na maioria de suas obras:

Es que ésa es mi limitación. Me siento muy inseguro si me salgo del montevidense de clase media. Ese es el territorio que yo conozco. Alguna vez dije, medio en broma medio en serio, que el Uruguay es la única oficina en el mundo que ha alcanzado la categoría de República. Y es así, y yo conozco bien a esta clase media (BENEDETTI, 2000).⁴⁰

Em setembro de 2015, as obras para a inauguração da Fundación Mario Benedetti, na Calle Salterain, estavam em andamento. No quintal, dois pés de laranja farão sombra aos frequentadores do espaço, destinado a oficinas literárias. Outras salas reunirão suas obras, fotos e objetos pessoais.

³⁹ Nestes temas, que de alguma maneira comprometem os sentimentos, sempre preferi a poesia à prosa, de modo que lhes peço permissão para concluir com um breve poema: "Então eles dizem: / que, ao final de nove anos / tudo mudou por lá. / Dizem que a avenida está sem árvores, / e não sou eu para colocá-lo em dúvida. Por acaso não sou eu sem árvores e sem memória dessas árvores / que, segundo dizem, já não estão? (Tradução minha).

⁴⁰ Porque essa é minha limitação. Me sinto muito inseguro se saio do montevidense de classe média. Esse é o território que eu conheço. Alguma vez disse, meio de brincadeira, meio a sério, que o Uruguai é o único escritório no mundo que alcançou a categoria de República. E é assim, e eu conheço bem essa classe média. (Tradução minha).

A decisão de criar uma Fundação parte de um pedido do próprio Benedetti, em testamento⁴¹:

El objeto de la Fundación será la conservación, organización, clasificación, ordenamiento, promoción, difusión, administración y edición de la obra de Mario Benedetti, así como el apoyo y aporte a organizaciones defensoras de los derechos humanos, en especial las dedicadas al esclarecimiento y la investigación de los detenidos desaparecidos en nuestro país, respetando en todo caso el pensamiento y convicciones del autor. Dentro del objeto se entiende comprendido el desarrollo de actividades culturales vinculadas al ámbito literario, tales como talleres, concursos, proyectos, recitales de poesía, mesas redondas y conferencias; concesión de becas por concursos; museo, biblioteca. *Testamento, Mario Benedetti, Artículo 2 (Objeto y fines)*⁴²

As informações colhidas na Fundación foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho – principalmente no que tange à entrevista com Ariel Silva, segundo quem Benedetti era um grande conhecedor da obra de Gramsci. Esse tema, porém, não se esgota com esta análise.

Escreveu Benedetti no prólogo de *El desexilio y otras conjeturas*, sobre as colunas entre 1982 e 1984 para o *El País*:

Sé que muchos de mis planteos han sido polémicos, pero sobre todo quisieron ser informativos (a veces, la mera enunciación de la verdad es casi una provocación) y paliar, así fuera artesanalmente, la preocupante desinformación que existe en Europa sobre América la pobre. Si uno solo de estos textos es (o hay sido) capaz de sembrar en algún lector español cierta preocupada curiosidad por un mundo a la

⁴¹ Disponível em: <<http://www.fundacionmariobenedetti.org/fundacion/>>. Acesso em: 29 set. 2015.

⁴² O objetivo da Fundação será a conservação, organização, classificação, ordenamento, promoção, difusão, administração e edição da obra de Mario Benedetti, assim como o apoio e aporte a organizações defensoras dos direitos humanos, em especial às dedicadas ao esclarecimento e à investigação dos detidos desaparecidos em nosso país, respeitando de todas as maneiras o pensamento e as convicções do autor. Dentro desta meta, entende-se compreendido o desenvolvimento de atividades culturais vinculadas ao âmbito literário, tais como oficinas, concursos, projetos, recitais de poesia, mesas redondas e conferências; concessão de bolsas por meio de concursos; museu, biblioteca. - Testamento, Mario Benedetti, Artigo 2 (Objetivos e fins). (Tradução minha).

vez cercano y lejano, el autor se sentiria justificado (BENEDETTI, 1986).⁴³

Rasgado, mas inteiro. Assim Mario Benedetti se define no poema *Quiero creer que estoy volviendo*, de 1984. Os versos, a seguir reproduzidos, descrevem o estranhamento e a alegria de quem volta para casa depois de tanto tempo. Escritor do compromisso, mesmo expulso de seu país, ele nunca deixou de pertencer ao seu lar. A quilômetros de distância, seguiu vendo o mundo como se estivesse na janela de sua residência em Montevideú.

Preocupou-se com os compatriotas por toda a vida, assim como com a defesa intrínseca dos direitos humanos. E não teve medo de expor a consciência sobre si em sua obra. Despediu-se da literatura com *Biografía para encontrarme*, organizado durante seus dois últimos anos de vida – quando se dedicou a corrigir e organizar os 62 poemas que compõem o livro, lançado em 2010, um ano após sua morte. Um intelectual orgânico, com identidade expressa no jogo das palavras, sem receios de compartilhar suas angústias pessoais e defender os genuínos interesses de seu povo, do qual persistiu partícipe. Benedetti deixa um legado inspirador para quem, como ele, está sempre disposto a percorrer os caminhos da história e da memória.

⁴³ Sei que muitas de minhas explicações foram polêmicas, mas, sobretudo, quiseram ser informativas (às vezes, a mera exposição da verdade é quase uma provocação) e revelar assim, de forma artesanal, a preocupante desinformação que existe na Europa sobre a América pobre. Se apenas um destes textos é (ou foi) capaz de plantar em algum leitor espanhol certa curiosidade preocupada por um mundo ao mesmo tempo próximo e longe, o autor se sentiria justificado. (Tradução minha).

*Quiero creer que estoy volviendo*⁴⁴

*Vuelvo / quiero creer que estoy volviendo
con mi peor y mi mejor historia
conozco este camino de memoria
pero igual me sorprendo*

*hay tanto siempre que no llega nunca
tanta osadía tanta paz dispersa
tanta luz que era sombra y viceversa
y tanta vida trunca*

*vuelvo y pido perdón por la tardanza
se debe a que hice muchos borradores
me quedan dos o tres viejos rencores
y sólo una confianza*

*reparto mi experiencia a domicilio
y cada abrazo es una recompensa
pero me queda / y no siento vergüenza /
nostalgia del exilio*

*en qué momento consiguió la gente
abrir de nuevo lo que no se olvida
la madriguera linda que es la vida
culpable o inocente*

*vuelvo y se distribuyen mi jornada
las manos que recobro y las que dejo
vuelvo a tener un rostro en el espejo
y encuentro mi mirada*

*propios y ajenos vienen en mi ayuda
preguntan las preguntas que uno sueña
cruzo silbando por el santo y seña
y el puente de la duda*

*me fui menos mortal de lo que vengo
ustedes estuvieron / yo no estuve
por eso en este cielo hay una nube
y es todo lo que tengo*

*tira y afloja entre lo que se añora
y el fuego propio y la ceniza ajena
y el entusiasmo pobre y la condena
que no nos sirve ahora*

*vuelvo de buen talante y buena gana
se fueron las arrugas de mi ceño
por fin puedo creer en lo que sueño
estoy en mi ventana*

*nosotros mantuvimos nuestras voces
ustedes van curando sus heridas
empiezo a comprender las bienvenidas
mejor que los adioses*

*vuelvo con la esperanza abrumadora
y los fantasmas que llevé conmigo
y el arrabal de todos y el amigo
que estaba y no está ahora*

*todos estamos rotos pero enteros
diezmados por perdones y resabios
un poco más gastados y más sabios
más viejos y sinceros*

*vuelvo sin duelo y ha llovido tanto
en mi ausencia en mis calles en mi mundo
que me pierdo en los nombres y confundo
la lluvia con el llanto*

*vuelvo / quiero creer que estoy volviendo
con mi peor y mi mejor historia
conozco este camino de memoria
pero igual me sorprendo.*

⁴⁴ BENEDETTI, Mario. *Antología poética* –
Selección del autor. Madrid: Alianza Editorial, 2009,
p. 350-352.

Referências

- BENEDETTI, Mario. *El país de la cola de paja*. Montevideo: 2 ed. Editorial Ciências, 1961.
- _____. Sobre las relaciones entre el hombre de acción y el intelectual. *Casa de las Américas*, Havana, ano VIII, n, 47, p. 116-120, março-abril 1968.
- _____. *La casa y el ladrillo*. Montevideo: Alfa, 1973.
- _____. Dicen que la avenida está sin arboles. *El País*, 1º de outubro de 1982.
- _____. El desexilio. *El País*, 18 de abril de 1983.
- _____. Ni cínicos ni oportunistas. *El País*, 18 de junho de 1984.
- _____. Mario Benedetti y la teoría del desexilio. Entrevista concedida ao *El País*, 16 de dezembro de 1984.
- _____. *El desexilio y otras conjeturas*. Buenos Aires: Editorial Nueva Imagem, 1986.
- _____. *Rincón de Hakius*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.
- _____. *Perplexidades de fin de siglo*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2001.
- _____. Fidel Castro: palabras mayores. 2006. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/spanish/specials/1659_fidel_80/page2.shtml>. Acesso em: 29 mai. 2015.
- _____. *Antología poética*. Selección del autor. Madrid: Alianza Editorial, 2009.
- _____. *Biografía para encontrarme*. Buenos Aires: Seix Barral, 2010.
- _____. Benedetti, el escritor. *Clarín – los 80 años del autor uruguayo*. Disponível em: <<http://edant.clarin.com/diario/especiales/benedetti/nota1.htm>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

- BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci – Filosofia, História e Política*. São Paulo: Alameda Editorial, 2008.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Uma introdução aos Estudos Culturais. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 9, p. 87-97, dezembro de 1998.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e prática da libertação*. São Paulo: Centauro, 2001.
- GALEANO, Eduardo. *La dictadura y después: las heridas secretas*. Nueva Sociedad, n. 87, p. 108-113, enero-febrero, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. In: COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). *O leitor de Gramsci*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez, 1997.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- NEPOMUCENO, Eric. *Eric Nepomuceno: depoimento* [jul. 2015]. Entrevistadora: Ana Luísa Vieira. Entrevista concedida por e-mail entre os dias 12 e 19 de julho de 2015.

NOGUEIRA, Silas. Cultura, política e transformação em Gramsci. In: FIRMIANO, Frederico Daia; GONÇALVES, Moisés Augusto (Orgs.). *Horizontes da luta social – os sujeitos da política*. Belo Horizonte: Editora Book JVRIS, 2008.

NUÑES, Ricardo Antonio Tena. Urbanización sociocultural y tempo libre em la ciudad de México – formas urbanas de la cultura y la comunicación popular. In: (Org.) OLIVEIRA, Dennis de. *Cultura e comunicação na América Latina: integrar para além do mercado*. São Paulo: CELACC/ECA/USP, 2012.

OGAMBIDE, Pedro. Introducción. In: BENEDETTI, Mario. *Antología poética – Selección del autor*. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. 3. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

SEMERARO, Giovanni. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. *Cad. Cedes*. Campinas, v. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006a.

_____. *Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis*. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2006b.

SILVA, Ariel. *Ariel Silva: depoimento* [set. 2015]. Entrevistadores: Ana Luísa Vieira e Fernão Ketelhuth. Entrevista concedida em 2 de setembro de 2015, na sede que abrigará a Fundación Mario Benedetti, em Montevideú.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.